

A criança com Síndrome de Down no processo de alfabetização.

Girlene Braga de Melo*

Orientador: Prof. Sérgio de Freitas Oliveira**

RESUMO

O presente artigo relata o estudo de caso de uma criança com Síndrome de Down inserida no processo de alfabetização de uma escola municipal. Pretende-se destacar a relação do professor com a criança e as possibilidades da construção da sua base alfabética, acreditando que o conhecimento das alterações provocadas pela Síndrome de Down e o papel do professor constituam o primeiro passo para o processo de aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Aprendizagem.

Segundo Danielski (2001), a Síndrome de Down é uma condição genética caracterizada pela presença de um cromossomo a mais nas células de quem é portador e acarreta um variável grau de retardo no desenvolvimento motor, físico e mental. Esse cromossomo extra se acrescenta ao par de número 21, daí o termo também utilizado para sua denominação “Trissomia 21”. Down deriva do sobrenome do médico inglês, John Langdon Down, que, através de observações, questionou o porquê de algumas crianças serem tão parecidas entre si e terem traços que lembravam a população da raça mongolóide.

Nome à síndrome em homenagem ao médico inglês John Langdon Down, que havia descrito um grupo distinto de portadores de um comprometimento intelectual, registrando o fato ao caracterizar detalhes fenotípicos clássicos de uma então considerada doença da Idiotia Mon-

gólica, como a síndrome que veio a ser conhecida como Síndrome de Down. (DANIELSKI, 2001, p. 39).

O autor explica que essas alterações genéticas decorrem de “defeito” em um dos gametas que formarão o indivíduo. Segundo ele, os gametas deveriam conter um cromossomo apenas e assim a união do gameta materno com o gameta paterno geraria um gameta filho com dois cromossomos, como toda a espécie humana. Porém, durante a formação do gameta pode haver alterações e, através da não disjunção cromossômica, que é realizada durante o processo de reprodução, podem ser formados gametas com cromossomos duplos que, ao se unirem a outro pela fecundação, resultam em uma alteração cromossômica.

Essas alterações genéticas modificaram todo o desenvolvimento e maturação do organismo e inclusive mudam a cognição do indivíduo com essa síndrome. São caracterís-

* Graduanda em Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais Especiais pela PUC Minas.

** Psicopedagogo. Professor da PUC Minas.

ticas do indivíduo com Síndrome de Down: um indivíduo calmo, afetivo, bem humorado e com prejuízos intelectuais. Pode apresentar distúrbios do comportamento, e a personalidade varia de indivíduo para indivíduo.

Devido a essas alterações, a criança com Síndrome de Down era considerada como retardada, incapaz de ter desenvolvimento cognitivo, de aprender, de ter sua independência social. Esse pensamento prejudicava as perspectivas e práticas adotadas nos procedimentos de reabilitação e na educação dessas crianças, tanto no meio familiar como no escolar, excluindo as do meio escolar e do processo de alfabetização. Contudo, com o avanço de pesquisas e com o maior conhecimento sobre a Síndrome de Down, verificou-se que essas concepções são errôneas, necessitando serem revistas. (PUESCHEL, 1993, p. 50).

Em uma escola municipal de Contagem, encontramos uma professora alfabetizadora com um aluno com Síndrome de Down, sem um plano de ensino que ofereça suporte para a aprendizagem do aluno no processo de alfabetização, e sem reconhecer no aluno suas limitações e habilidades.

O processo pedagógico de alfabetização dos alunos com Síndrome de Down é um problema encontrado numa sociedade em que a anormalidade ainda é vista com preconceito e desconhecimento. Isto indica a fragilidade do processo educacional das pessoas com necessidades especiais, que se revela ainda incipiente em termos de recursos e discussão acumulada. Temos ainda como dificuldade a falta de conhecimento do professor alfabetizador do que seja a Síndrome de Down, o que, por hipótese, propiciaria a esse profissional procurar alternativas e novas práticas pedagógicas para alfabetizar a criança com Síndrome de Down.

O relacionamento da professora com o aluno com Síndrome de Down é bom. O aluno permanece na sala de aula até a hora do recreio; após o intervalo, o aluno vai para outra sala, com o acompanhamento da estagiária, e lá permanece até o horário da saída. O aluno fica fazendo as atividades adaptadas pela professora e brincando com alfabeto móvel, jogo da memória, jogo de sílabas, jogo de dominó entre outros. Ele não consegue acompanhar as outras crianças nas atividades em sala de aula e por isso a professora acha melhor retirá-lo da sala. A professora e os profissionais da escola não estão aptos para receber e adaptar esse aluno ao processo de aprendizagem.

Segundo Pueschel (1993), o professor é o mediador para o processo de aprendizagem da criança com Síndrome de Down e o planejamento com base no conhecimento da realidade concreta dos seus alunos é um dos meios de que dispõe. As adaptações curriculares devem possibilitar ao aluno experiências de aprendizagem.

O professor tem que saber que a criança com Síndrome de Down tem seu próprio potencial, e que este deve ser explorado, avaliado e depois desafiado e a escola e a professora têm o papel de criar condições para que a criança com Síndrome de Down tenha um bom desempenho escolar, seja estimulada a novas tentativas. (PUESHEL, 1993, p. 181).

O professor-alfabetizador é peça importante no processo de formação de seus alunos com Síndrome de Down e é a partir dele que aparecem os questionamentos, as dificuldades e as respostas. Ele desperta em seus alunos o interesse em aprender e vencer os obstáculos emergentes ao longo do processo de aprendizagem. Para que isso aconteça, o professor tem que estar preparado, que se envolver

e acreditar na alfabetização de crianças com Síndrome de Down, enfrentando os desafios pedagógicos suscitados pela diversidade dos alunos.

Portanto, os professores-alfabetizadores têm que despertar para o re-pensar, reformular e adaptar as práticas curriculares e metodológicas no processo de aprendizagem desses alunos, apresentando um conhecimento mais profundo sobre as crianças com Síndrome de Down, suas habilidades e limitações. Percebe-se que a formação dos profissionais se torna imprescindível para o aluno com Síndrome de Down, na possibilidade de aprender de forma significativa, com recursos pedagógicos, adaptações curriculares e atividades práticas que garantam a construção do conhecimento sem prejuízo dos conteúdos curriculares básicos necessários para sua formação e no atendimento de suas necessidades.

REFERÊNCIAS

DANIELSKI, Vanderlei. Síndrome de Down: uma contribuição à habilitação da criança Down. Trad. Jeanne Borgerth Duarte Rangel, 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2001.

PUESCHEL, Siegfried M. (Org.). Síndrome de Down: guia para pais e educadores. Trad. Lúcia Helena Reily, 9. ed. Campinas: Papirus, 1993. (Série Educação Especial).